

## Borboletas no repolho





Vicente Humberto

**Borboletas no repolho**  
*poesia*

**FICÇÕES**

Copyright © Vicente Humberto

Capa e intervenção artística Shirley Paes Leme

Projeto gráfico Alonso Alvarez

Revisão Bruno D'Abruzzo

Fotografia do autor Jalmiro Lazarini Júnior

*Agradecimentos à*

*Shirley Paes Leme, Alonso Alvarez, Whisner Fraga, Josane Brandão, Vicente Paulo Cruz Júnior, Ângela Maria Lôbo Cruz, Fabyola Jorge Cruz, Fabrycia Jorge Cruz, Heloisa Helena Lôbo Cruz, Joana Calixto, Marcela Tavares Netto Lôbo Cruz, Augusto Fonseca Von Tiesenhausen, Aryne Cordeiro, Maria Narciza Benjamin, Fernando de Andrade, Bruno D'Abruzzo, Fernanda Melvee, Antônio Carlos Martins Menezes, Paulo Miguel dos Santos Filho, Francisco de Assis Fernandes Pereira, José Luiz Amarante, Maria Cristina de Oliveira Dornelas, Sérgio Alves da Silva Dutra, Jaime Kalsing, Jorge Luis Santim, Jalmiro Lazarine e Geraldo Coelho Vaz.*

Grafia segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
em vigor no Brasil desde 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Humberto, Vicente

Borboletas no repolho : poesia / Vicente Humberto ; ilustração Shirley Paes Leme. -- 1. ed. -- São Paulo : Ficções Editora, 2021.

ISBN 978-65-87622-04-0

1. Poesia brasileira I. Leme, Shirley Paes. II. Título.  
20-51695

CDD-B869.1

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

2021

Direitos de publicação reservados à

**FICÇÕES EDITORA LTDA.**

rua Corrêa Galvão, 57

01547-010 — São Paulo — SP

(11) 5837-5959

www.ficcoes.com.br

editora@ficcoes.com.br

## Sumário

### POEMAS

Dualidades, 9
Sala de aula, 19
Bicho-da-seda, 20
Caixa de vazios , 21
Clarice, 22
Bula, 23
Plath, 24
Tango da infância, 26
Luís-cacheiro, 28
Calandiva, 29
Laranjas da infância, 30
Frutas tropicais, 32
Ipê, 34
A teus pés, 36
Maquilagem, 37
Solar, 38
Exclamação, 39
Pé de ferro, 40
Nina, 42
Nua, 44
Conto de fadas, 45
Floribela, 46
Felicidade, 47
Olhos de Anna Liz, 48
Sapatos, 50
Sorriso do gari, 51
Bicicleta, 52
Pedras, 54
Vento de agosto, 56
Chuvas de agosto, 58

Cabeças-de-vento, 60  
Velhas ovelhas, 61  
Grilos e paletó, 62  
Ncinha, 64  
Lápis de cor, 66  
Jô e Liz, 67  
Mensagem, 68  
Casas Pernambucanas, 70  
Psicose, 72  
Psicanálise, 73  
Pesadelo, 74  
A loba, 76  
Angústia, 78  
Solidão, 80  
Aurora, 81  
Apelo, 82  
Antítese, 83  
Terapia, 84  
Sala de jantar, 86  
Maria Júlia, 88  
Mundo indicativo, 89  
A vida continua, 90  
Juras, 91  
Cinema, 92  
Escrita, 93  
Veludo, 94  
E se tudo passar, 96  
Passatempo, 98  
A fila anda, 100  
Labirintos, 102  
Lagartos no repolho, 103  
Outono, 104  
X Pillow, 106  
Solidude, 107  
Salvador Dalí, 108  
Marinheiro, 110  
Obra-prima, 111  
Cadeira de Van Gogh, 112  
Espelho, 113

Novo normal, 114  
Redução ao infinito, 115  
Sem título, 116  
Amigos, 117  
Sentido, 118  
Lugares amigos, 119  
Silêncio, 120  
Jardim, 121  
O valor das coisas, 122  
Fotografia, 124  
Verão de 1966, 127  
Você, 128  
Menina dos olhos, 129  
Porta do inferno, 130  
Delírio, 131  
Tudo, 132  
Registro, 133  
Rugas, 134  
Espinhos, 135  
Ritmos de boate, 136  
Amor, 137  
Ângela e Jarbas, 138  
Marcela, 140  
Gentileza, 141  
On the road, 142  
Conjunção, 146  
Atriz, 147  
Escola normal, 148  
Bukowski, 149  
Cédulas, 150  
Eu te amo, 151  
Quando, 152  
Fronteira, 154  
Sombras, 156  
Coriolanus, 159  
Sobras, 160  
Semiótica, 161  
Anônimos, 162  
Para tia Biluca, 163

Nuvens, 164  
Diálogo, 166  
Trapézio, 168  
Ócio, 170  
Eternamente, 171  
Natal, 172  
Feliz ano novo, 173  
Lucidez, 174  
Silêncio, 175  
Caixa de fósforo, 176  
Match Point, 177  
Poesia das coisas, 178  
Rua 20 de Agosto, 179  
Rolling Stones, 180  
O vestido de Marilyn, 181  
Escola de Minas, 182  
Ocaso, 184  
Milagre, 185  
Bolero de Ravel, 186  
Quintanear, 187  
Arrastão, 188  
Apito final, 189  
Cavalos, 190

Sobre o poeta, 194  
Sobre a artista, 197  
Outras obras do autor, 199

## DUALIDADES

*Whisner Fraga*

O leitor imediatamente se depara com o inusitado do título deste volume de poesias de Vicente Humberto: *Borboletas no repolho*. Primeiro o plural. Não é apenas uma borboleta pousada neste repolho. São várias e trazem consigo o símbolo da beleza, mas também do perigo. E o que elas podem estar tramando? É o que o leitor tentará descobrir.

A dualidade é a marca dos versos deste poeta. O encanto com as cores, com as geometrias, e, ao mesmo tempo, o assombro das larvas que dizimam (porque precisam) todo o verde (toda a beleza?) que encontram pelo caminho. Por trás de uma borboleta (ou antes de uma borboleta) há sempre uma lagarta, há sempre o apetite degenerando a consciência. E há a transformação.

Assim são as palavras, assim é a arte, assim são os artistas, todos com gumes pungentes, à espera de algo que possam picar, contemplando uma metamorfose que só o filtro da lógica pode interpretar. A beleza e o perigo da solidão, da religiosidade, dos olhos cerceados pelo medo, da arte, da sensualidade. O livro explora (a começar pelo título) movimentos sensuais, coreografias de mistérios e jogos de palavras, que deságuam em ironias e também em desafios, em conversões e também em crenças, em isolamentos e também em clemências.

A solidão emboscada pela companhia do insólito, que, por sua vez, retira da arte, do diálogo, da métrica, da contradição, uma fuga quase sórdida, inesperada. A arte sempre será o refúgio do artista, é isso que nos mostra Vicente Humberto. O artista que, paradoxalmente, precisa da solidão para ter a companhia de sua arte. “Com as palavras/ Posso ser todas/ As cores do arco-íris”. O devaneio que dá direito à liberdade. Ao desejo. Precisamos de algo mais? Precisamos da verdade pontiaguda, cortante, incisiva: “E encomendei esta caixa/ De serpentes/ Que escreve versos.”

A figgada.

A fé, nestas poesias, é retratada com certo cinismo, como deve ser. Mas um cinismo recheado de melancolias e de amor, de bondade, de sentido. “Seria de bom-tom/ Se tiver o dom da fé/ E tudo estiver/ Como Deus quiser.” As convenções sociais são confrontadas. Tudo que é de bom-tom é convencionalizado, é escolhido por alguém ou por uma coletividade. E o que é de bom-tom pode não ser. É de bom-tom matarmos as lagartas para nos sobrar o repolho imaculado? “Por que tantas agruras/ Pra que tantas amarguras/ Oh, senhor, dai-nos a cura”. Esta fé, sobretudo cristã, incomoda: “É preciso chorar/ Para sorrir?” É preciso viver, nos atestam os versos deste livro. E viver profundamente.

A saudade, a lembrança, a finitude, aparecem como inevitáveis, em vários momentos. A morte é tratada com lirismo e um pouco de indignação. “Na tênue passagem/ Da matéria/ E cobre de pó/ Cinzas, palhas e heras”. O pó

coberto pelo pó, a morte incomodando mais que a morte, o perigo, o esquecimento. O medo do esquecimento. E, novamente, a dualidade: cinza versus cores. “Lapidei a lápide/ De meu túmulo/ Com lápis de cor/ Decorei de cor/ A cor dos meus dias cinzas.”

E, afinal, os jogos, que são parte do homem: o futebol, as corridas, os próprios relacionamentos e, em última análise, a vida, como se a sorte fosse o que guiasse a humanidade, como se fosse a lógica. E, claro, o gosto por apostar sempre naquele desacreditado, no mais fraco: “Joguei todas as minhas moedas/ No cavalo da baía três/ Era o azarão”. O poeta não é sempre o azarão? Não traz aquele silêncio constrangedor com suas palavras? O poeta não é o azarão que, vez ou outra, ganha alguma corrida?

Assim, não nos estranha a presença de poetas malditos, de beatniks, como Sylvia Plath, Bukowski, Kerouac, que foram, ao mesmo tempo que azarões, visionários. Ser infame, solitário, não quer dizer ser um fracasso. Isso depende de quem vê, de quem julga. Uma borboleta no repolho pode ser algo bom. Tem de ser algo bom, é nisso que queremos acreditar ao adentrarmos este livro. E é um desafio, porque o poeta tem a fúria dentro si, quem sabe domada por aquilo a que chamamos de esperança?

O leitor que saiba estar diante da reconciliação, do renascimento, da mudança. E permita que estes versos abrandem essa fome ancestral por beleza. O poeta é sempre o melhor guia.

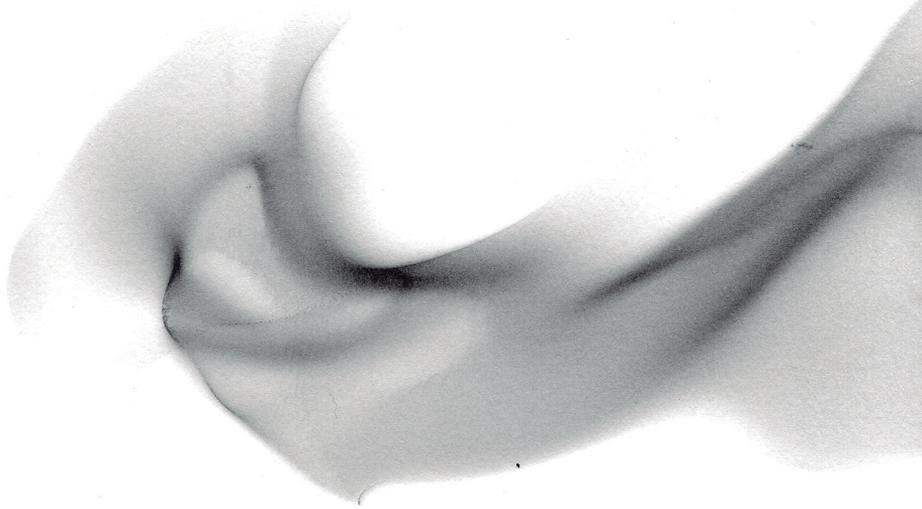


*Estas borboletas  
Voam para:  
Vicente e Nicinha  
Meus pais (in memoriam)*



*“Eu penso  
renovar o homem  
usando borboletas.”*  
Manoel de Barros







## SALA DE AULA

Resolvi me matricular  
Na aula de preencher  
Vazios

Lápis apontado  
Caderno de linha  
Borracha nas mãos

Pensei:  
Possivelmente  
Terei que aprender  
A ler  
E apagar  
Vazios

Tinha razão  
Esta era a lição

## BICHO-DA-SEDA

Quando tudo estiver triste  
E de tanta tristeza  
A tristeza entristeça

Quando a dor  
Sentir o ardor da própria  
Dor e doer

Teça com mãos de tricô  
Lágrimas de dor, até que a dor  
Tenha dó, e ceda ao frescor  
Da flor da seda e console  
O coração tão só

Arrisco dizer bicho-da-seda  
Viver é arte do risco  
A vida prega peças  
À beça  
Peça a peça e vista

A dor não avisa  
Mesmo pronto  
Para o que der e vier  
Desconto só pagando  
À vista

## CAIXA DE VAZIOS

Tem um vazio acuado  
Que tem o hábito  
De habitar  
Minha caixa de vazios  
De propósito  
Sem o menor  
Constrangimento  
Faz de conta que não é com ela  
Mexe com meus brios  
E vai jogando vazios  
Até que a gravidade  
Desista  
E volte  
De volta ao vácuo  
Onde vago  
No buraco negro  
E acabo onde tudo  
Pode entrar  
E nada pode sair

## CLARICE

Cansado  
Com raiva de mim  
Posso renascer  
Se escrever  
Mas por enquanto  
Clarice  
Estou morto  
Sei lá talvez  
Entre nascer  
E morrer  
Não seja tão simples  
Assim  
Escrever não renasce  
Apenas nasce e depois  
Morre de novo

## BULA

Não tem remédio  
Ou morro de tédio  
Ou desisto de morrer  
A vida às vezes  
Parece comida  
De doente

## PLATH

Então Sylvia  
Ando apaixonado  
Por você  
Por isso decidi  
Ir em frente  
Vou devorar devagar  
Até a próxima vez  
Desta vez  
Tomei azitromicina  
Associada com ivermectina  
Durante sete dias  
Melhoral infantil depois  
Do almoço para evitar  
O risco de trombose  
Vitamina C com zinco  
Redoxon uma vez ao dia  
Entrei com chá de limão  
E alho com nimesulida  
E muito maresis para  
Lavar as narinas  
Tomei um rio de água  
E massagem nas pernas  
Andei pelo quarto de trinta  
Em trinta minutos

À sua procura  
Cansado e com dificuldade  
De respirar fiz nebulização  
Com berotec e atrovent  
E encomendei esta caixa  
De serpentes  
Que escreve versos  
“Que devora homens  
Como ar”